

bom é que os nossos leitores conheçam de antemão as virtudes com que se recommenda esta nova maravilha da industria pharmaceutica, destinada, como outras muitas, não a curar, mas a *explorar* os miseros doentes.

Já vimos o que nos ensinam os factos, nos Estados-Unidos, a respeito das apregoadas curas de cancos operadas pelo cundurango; vimos que o famoso Dr. Bliss deixou a clinica para commerciar em cundurango, e que a profissão medica n'aquelle paiz, pela voz dos mais eminentes órgãos da imprensa, tem reprovado aquella impudente especulação.

Vejamos agora o resultado das experiencias feitas em Londres, segundo o *Medical Times* de 4 de novembro, onde vêm por extenso as observações feitas no Hospital de Middlesex.

O presidente da republica do Equador mandou á rainha Victoria uma porção de raiz de cundurango, e asseverava que este remedio fôra ensaiado por varios medicos d'aquella republica, os quaes verificaram que elle curava o cancro, a syphilis e a tísica.

Por expresso desejo da rainha mandou Lord Granville um pacote de cundurango ao Collegio dos Medicos para que dispozessem d'elle como entendessem. A' vista d'isto foi o cundurango dividido em tres partes, e remettida uma a enfermaria Radcliffe, em Oxford, e as outras duas respectivamente aos hospitaes de S. Bartholomeu, e de Middlesex, em Londres.

Do que se passou nos dous primeiros hospitaes não se sabe ainda, mas os resultados das experiencias no de Middlesex, são completamente negativos, pelo que diz respeito ao cancro.

O relatorio que acompanhava a porção de cundurango enviada a este hospital continha a narração de um ou dous casos de syphilis, e de epithelioma ulcerado, curados por aquella substancia. Dizia-se ahi que as pessoas submettidas ao tratamento foram—*reconstituídas*—em 4 ou 5 dias, e que a melhora começou na data da—*reconstituição*. Tambem se dizia que occorriam ás vezes, durante o uso do remedio, commoções nervosas analogas ás que produz a strychnina.

O Dr. Hulke foi encarregado de dirigir as experiencias, e no seu relatorio, assevera que nenhuns phenomenos nervosos manifestaram os doentes de cancro que tomaram o cundurango, e que em nenhum d'elles pro-

duziu o supposto remedio a mais leve influencia em retardar a marcha da molestia, nem melhora alguma no estado geral dos doentes; e conclue com as seguintes palavras: « Como remedio contra o cancro, o cundurango, na minha opinião, é perfeitamente inerte, e inutil. »

Apezar de ter andado pelas mais altas regiões da hierarchia social, sem exceptuar as da diplomacia e da realeza, o cundurango cae perante a experiencia clinica, e fica sendo apenas uma nullidade celebre, como são muitos outros especificos que por ahi se apregoam bombasticamente nos annuncios dos jornaes, e que ficariam reduzidos ao mesmo valor therapeutico se passassem por identicas provas.

OS LABORATORIOS EM FRANÇA E NO ESTRANGEIRO.

I Os altos estudos praticos nas universidades allemães, relatorio ao ministerio da instrucção publica, por M. Wurtz, membro do Instituto, 1870. II A administração de M. Duruy (1863—69), 1870. III Da observação e da experiencia em physiologia por M. Coste, membro do Instituto, 1869. IV Da reforma dos estudos pelos laboratorios, pelo Dr. Lorrain 1869.

(Revista dos dous Mundos.)

(Conclusão.)

A Allemanha, que nunca nos precedeu no terreno dos descobrimentos ou das ideias, que não tinha ainda nenhum physiologista celebre quando tinhamos Bichat, Legallois, Flourens, Magendie, Breschet, a Allemanha mostrou-se mais iniciadora e generosa do que nós na fundação dos laboratorios de biologia. Ao passo que nós temos alguns e máos ella tem já muitos e notaveis. Os mais importantes são os de Berlin, Heidelberg, Vienna, Leipzig e Tubingen, Munich, Goettingue, onde os Helmholtz, Brücke, Ludwig consummaram seus trabalhos. A cidade de S. Peterbourg possui um *Instituto* physiologico immenso que custou trez milhões. O de Utrecht, dirigido por M. Donders é citado como modelo. No museo real de Florença, M. Schiff collocou-se a frente de um laboratorio que poderiamos invejar a Italia; o de M. Malescholt, em Turim, é muito bem montado. Emfim recentemente, M. Kuhne sendo no-

meado professor de physiologia em Amsterdam, esta cidade deixou liberalmente a disposição do jovem sabio grandes meios materiaes e um laboratório maguifico cuja construcção está a terminar.

Somente descreveremos um d'estes estabelecimentos, o de M. Ludwig em Leipzig, que é, segundo a opinião de M. Claude Bernard, o melhor de todos. O laboratório de M. Ludwig se compõe de tres corpos de edificio dispostos um sobre o outro em angulos rectos, de modo a formar tres lados de um quadrado cujo quarto lado fica vazio e encerra um grande patio. Nas cavas se encontra uma machina do vapôr que distribue a força necessaria a um grande numero de operações. Há tambem officinas para mecânicos e outros operarios encarregados da confecção dos instrumentos. Ao rez do chão se acham as sallas destinadas as viviseccões e as autopsias, depois os estabulos e as cavalhariças dos animais. No patio, constroem-se estribarias para os cavallos e outros grandes animaes sobre os quaes se experimenta. Ha tambem um aquarium para os peixes e as rãs. No primeiro andar, as sallas do edificio central são reservadas para as experiencias de physiologia propriamente dita. Ha uma grande salla para as viviseccões, outra para os trabalhos pessoaes do professor, certo numero de camaras para as investigações de uma ordem especial, como os estudos de electro-physiologia, de optica etc. Dos dois edificios lateraes, um tem seu primeiro andar occupado pelos laboratorios de microscopio, o outro contem em sua porção correspondente os quartos dos professores, ajudantes e empregados. No meio do patio eleva-se um grande amphitheatro illuminado superiormente e onde M. Ludwig faz suas lecções: communica com cada uma das tres partes do edificio por pequenos caminhos de ferro que trazem á meza do professor os diversos objectos de experimentação e demonstração. Todos os laboratorios de physiologia na Allemanha são construidos por este modello. Todos são divididos em tres partes respectivamente destinados ás viviseccões, aos trabalhos microscopicos e as investigações physico-chimicas. A physica e a chimica são auxiliares da biologia, que não pode passar sem o seu concurso, por isso que ellas lhe ministram os processos mais poderosos para a analyse dos phenomenos.

Para completar esta resenha, só nos resta

fallar de um estabelecimento francez, que não tem analogo na Allemanha e na Inglaterra, e que faz a maior honra a um celebre physiologista, M. Coste. Queremos fallar do laboratório de Concarneau, tambem organizado para os estudos relativos á fauna immensa e infinita do mar. Setenta aquariums alimentados por uma corrente continua que entretem uma bomba movida por um moinho de vento, funcionam permanentemente ao nivel do solo de um vasto edificio cujo primeiro andar foi convertido em gabinete de trabalho. Contiguo a este edificio e se desenvolvendo em pleno ar em toda sua extensão do lado do Oceano, que vem bater em seus muros insubmergíveis, seis reservatorios de 1,000 metros de superficie, de 3 a 4 metros de profundidade, cingidos de grandes lagedos donde vê-se facilmente tudo quanto é possivel, formam em um fundo de granito um pequeno mar em miniatura cuja agua pode se renovar inteiramente duas vezes por dia, por meio de adufas fechadas imitando o fluxo e o reflujo. As especies que ali permanecem presas encontram todas as commodidades; ali vivem, se desenvolvem, se reproduzem como em plena liberdade, e quando uma d'ellas é reclamada para experiencias, transportam-nas para os aquariums onde tem-nas sempre á mão. É neste estabelecimento, fundado por M. Coste e offerecido por elle com grande benevolencia á actividade dos investigadores, que se tem realisado alguns dos trabalhos de M. M. Robin, Legros, Moreau, Gerbe, George Pouchet, Legouis, von Benedem. Muitos sabios vão constantemente experimentar no mundo do mar, com tanta facilidade e precisão, quanto sobre as especies domesticas de nossos gallinheiros. O laboratório de Concarneau só tem o inconveniente de se achar situado longe de Paris.

Acabamos de vêr quão atrazada se acha a França no que é concernente aos laboratorios e a organização dos estudos praticos; por mais de uma vez sabios eminentes encarregaram-se de attenuar os effeitos d'esta deploravel penuria. Foi em um laboratório construido e sustentado a sua custa que M. Dumas e seus discipulos realisaram seus trabalhos; os laboratorios de M. Fizeau, de M. Boussingault, de M. Marey lhes pertencem igualmente. Concebe-se entretanto que todos não podem imitar estes exemplos, que a iniciativa individual é impotente para fornecer

a todos aos quaes anima o amor ardente da sciencia, os meios de trabalho e investigação. Vozes numerosas e competentes reclamaram e ainda reclamam o zelo do governo para com esta lamentavel situação de nossos estabelecimentos scientificos. M. M. Wurtz, Coste, Pasteur, Fremy, Claude Bernard fallaram eloquentemente sobre este ponto. M. Duruy com muita difficuldade poude obter alguns milhares de francos, com os quaes construíram-se tres laboratorios na Sorbonna, um de chimica, um de physica e um de physiologia; mas tudo isto não basta. Havia mister de milhares de francos. Não existem no budget de instrucção publica, como era mister, e no entretanto é uma das mais nobres necessidades do paiz.

« Os dinheiros consagrados ao aperfeiçoamento dos estudos scientificos são, diz M. Wurtz, dispezas productivas; é um capital susceptivel de grandes lucros, e o sacrificio comparativamente pequeno que houver imposto á uma geração será para as gerações seguintes um acrescimo de bem estar e de luzes. » M. Duruy, que comprehendia a necessidade de levantar os estudos superiores em Franca e utilizar as melhores forças do paiz, por muito enervadas, procurou formar com os antigos laboratorios e com os que tinha estabelecido, uma especie de escola á qual denominou *École pratique des hautes études*. Os meços desejosos de cultivar a physica, a chimica, a physiologia, a botanica acolheram liberalmente a ideia; d'esta arte offereceram-lhes os meios de observar, manipular, experimentar e investigar. Dividiram-se os laboratorios em laboratorios de ensino e laboratorios de investigação, e installaram uma hierarchia de directores, vice-directores e preparadores. A escola dos estudos superiores funcionou e funciona ainda, d'ella sahiram alguns trabalhos apreciaveis; procura-se saber somente qual a necessidade de criar uma escola ideal, nma escola que não tem séde determinada, reunindo por abstracção estes laboratorios que nada têm de communs com os outros. De facto, a escola de estudos superiores tem uma existencia ficticia e trabalhão nos laboratorios como para o passado.

O essencial é augmental-os sempre, enriquecel-os e descobrir o meio de conciliar o interesse do estado com o da sciencia e dos operarios. A questão é difficil. Duas cathogorias de homens dedicam-se aos trabalhos

de laboratorio. Os primeiros são os que consideram a investigação experimental como um trabalho secundario comprehendido de conformidade com um methodo seguro para a instauração ou verificação das doutrinas. Estes sabios que concebem na logica sempre presente e activa de sua razão a ordem das cousas, são como habeis pilotos na propulsão do saber. Os outros investigadores, mais numerosos, trabalham sem direcção meditada, sem inspiração philosophica: são uteis á sciencia, graças aos materiaes que accumulam; mas quão inferiores aos homens intelligentes! Depõe a agua e o carvão na machina do navio, ao passo que os outros dirigem os movimentos e sustentão nas mãos o leme. Uma escola de investigação poderã produzir investigadores da segunda categoria, mas é impotente para animar as vocações superiores e fazer desabrochar os espiritos ousadamente originaes. O trabalho não é sufficientemente livre, e depois digamol-o, taes espiritos são por si mesmo impotentes. Apresentam-se como iniciadores, homens como Bichat, Ampère, Faraday, Magendie, Laurent, Gerhardt, Faucault, discipulos da escola dos altos estudo? Em taes condições, a estranha novidade de suas ideias e a originalidade de seu procedimento os terião feito passar por moços extravagantes. A primeira condição da existencia de uma escola, é a disciplina, a regularidade, o respeito das tradições e dos mestres. Ha intelligencias que espontaneamente se consideram superiores a qualquer autoridade. Em nossas escolas, abrem-se voluntariamente os laboratorios aos moços doccis, que só procuram acompanhar um mestre e merecer diplomas; mas em geral abstem-se de favorecer *les savants primesautiers* que não podem supportar um jugo qualquer, e a quem muitas vezes faltam completamente os recursos materiaes. Entre estes homens que teriam desejo de verificar pela experiencia as ideias suggeridas da meditação incessante, muitos devem renuncial-as por falta de meios de acção.

Parece pois que independentemente dos jovens sabios dirigidos, aconselhados e syndicados nas escola praticas, seria conveniente cuidar n'estes homens de uma tempera especial, que não podem soffrer a auctoridade, que são a luz propria a si mesmos, a quem a liberdade é indispensavel. É mister dar-lhes os meios de exercer sua actividade; o estado deveria garantir-lhes o material da investiga-

ção. Para tornar este sonho uma realidade, para inaugurar este systema liberal de protecção, a primeira condição a preencher é augmentar o budget do ensino superior. É o meio unico de desenvolver os laboratorios, animar as investigações scientificas e proteger aos que se distinguem por uma originalidade excepcional. Todavia a experiencia não representa um papel exclusivo no progresso das sciencias. É por este motivo que a França poude, apesar de sua inferioridade quanto aos meios materiaes conservar-se a frente do movimento scientifico. Inspirado evidente, o genio de nossa nação fez mais nas sciencias que o genio das outras raças com o emprego de preciosas qualidades, taes como a paciencia e a obstinação auxiliadas por materiaes superiores. Fazendo jorrar não ideas simplesmente, mas ideias justas e brilhantes, o espirito francez sempre iniciou e conduziu as intelligencias estrangeiras por caminhos novos. Tem sido o iniciador universal. Um sentimento prompto da ordem e da verdade, uma maravilhosa intuição da realidade e ao mesmo tempo uma grande arte de abstrair, eis o que dispensa muitas vezes o esforço de uma experimentação longa e dispendiosa, eis tambem o segredo da preeminencia pela qual, apesar de seus caprichos e humor inconstante, conservou o sceptro—
« Eu honrava vossos trabalhos; me pareciam grandes, disia um sabio estrangeiro, sahindo de um laboratorio de Paris; agora que eu conheço os vossos recursos materiaes eu os admiro. »

Este sabio tem razão. É de mister realizarem-se economias, respeitando-se os interesses da sciencia. A palavra sacrificio não deve ser pronunciada aqui. Quanto trata-se de despezas necessarias para levantar-se o nivel dos estudos superiores e diffundir o espirito scientifico, toda economia é mal entendida.

(Benicio de Abreu.)

NOTA ACERCA DA DOENÇA DO SOMNO

Pelo Dr. B. A. Gomes

(Lida em sessão de 15 de julho de 1871)

A doença do somno, mais vezes observada na raça africana, e sobre que veiu despertar a attenção da sociedade a commu-

nicação feita pelo nosso consocio o Sr. Ferreira Ribeiro, medico do ultramar, em exercicio na provincia de S. Thomé e Principe, não deixa de ser tambem doença alguma vez assignalada na Europa, e desde muito que é indicada nos livros de pathologia. Entre tantos que haveria a citar para prova basta lembrar um que os resume todos até ao tempo em que foi escripto, obra hoje menos manuseada, mas que foi já e merece ser ainda das mais consultadas; quero referirme a *Medicina pratica* de J. Frank. A doença é ahi descripta entre as comatosas, e com o nome de *cataphora*, reservando-lhe outros o de *lethargia*. Aos que desejam erudição no assumpto acharão na parte bibliographica do artigo de Frank quanto baste para lhes dar os indicios da doença existente nos escriptos dos auctores, desde Hippocrates, Celso, Aecio e Oribaso até aos tempos modernos, não esquecendo mesmo os nossos Amato e Zacuto Luzitanos; e com isso terão os leitores tambem a noticia dos casos mais notaveis de lethargia ou cataphora, que haviam sido registados até então nos diversos archivos de medicina. Verão ahi commemorado o caso referido na *Historia Ecclesiastica de Nicephore*, de um somno de trinta e sete annos, e assim outros mais bem auctorisados, como o que foi observado por Burette e se chamou o do dormente do hospital da caridade em Paris, cuja lethargia durou meio anno; o caso do *Sleeping girl of Monrese*, que dormia trinta horas seguidas; o de Bishoff, presenciado pelo proprio Frank, cujo somno era de dezoito mezes: o caso que fez chamar á dormente que o constituia, a marmota de Flandres, e cujo estado fora bem comparado á hibernação de uma das especies animaes por semelhantes habitos mais conhecida, a marmota ou o rato dos Alpes.

A doença do somno, sendo raras vezes vista na Europa, e ao contrario frequente na Africa, aos medicos que nestas regiões praticam é que mais pertence dizer quanto a experiencia ensina a seu respeito; não é por isso menos natural que o Sr. Ferreira venha ao seio desta sociedade buscar o auxilio dos seus collegas, que elle julgue preciso para dirigir do modo melhor os estudos que tenha a proseguir n'esta parte pela continuação de sua missão no ultramar, missão na qual o ardor, que se vê o anima, pode ser tão util ao serviço que lhe incumbe como